

Se porventura um dia o animal que sou devesse escrever  
uma autobiografia (seja ela intelectual ou sentimental),  
deveria, mais e mais, nela nomear Cerisy, mais de uma vez  
e em mais de uma maneira – em seus renome  
de nome próprio e de metonímia.

[Jacques Derrida]

... mas a quem se destinaria um quintal,  
afinal?

## **Paisagem com relógio ao fundo**

poça d'água  
no meio do laranjal

aranha tece  
o tempo

tarrafa  
de pescar horas

no varal

laranja cidra mexerica limão goiaba jaboticaba manga  
mamão morango caju melão-de-são-joão acerola banana  
uva maracujá abacate cacto cana alface rúcula almeirão  
bambu abóbora rabanete chuchu quebra-pedra hortelã  
poejo cidreira babosa laranja laranjal laranja

criação

**I**

implodiu algumas pedras no meio do meu corpo rochoso  
e plantou, ali, um coração

**II**

cascata vermelha desabando silenciosa entre duros vãos  
de finos fios ferrosos, nome  
nada

**III**

duas asas levemente pousadas na dureza da mão, pesado  
impulso de voo preso  
solo

**IV**

cerro os cílios sobre a superfície de ramos frágeis, cilício  
sobre pele, calcário  
careado

**V**

turbante em prata enrolado no topo da ideia, nebuloso  
batismo de lágrimas  
gelado

## **VI**

fogueira plantada no alto queimando o vento, andarilho  
perpétuo é o pé  
exilado

## **VII**

adornada de primaveras e abelhas lilases, uma semente  
mantra imantado  
no peito

## **VIII**

explosão de fagulhas, lava escalando o túnel da garganta  
cinzas de um deus  
dormente

## **IX**

curvo meu corpo alto de terra sobre tua terra derretida  
lama, por que me fez  
tão humana?

quintais

I

quem se importa com portões quando há um quintal  
infinito verdejando nos fundos da casa?

e eram tantas calcinhas secando no varal  
e o sol a pino queimando a pele  
largando vergões vermelhos  
no pescoço

te recebia nua às três

num buquê de sálvias  
pingando entre pernas  
regando os rastros dos meus tênis  
ardidas

as mordidas  
que me deu de mão beijada

quem se importa com portões quando os dentes  
aprenderam a desprender fechos e aldravas?

eram tantas calcinhas secas  
e inúteis



## II

ficava ali quarando no sol  
quarando quarando  
    estirada no úmido da terra  
            troca de pele cobra-cega  
                    azulada

brancura  
de omo  
quasemulher

enquanto plantavas uma tabuada de dentes no relevo alto  
da minha bunda

montanhosa  
era o dever de casa cumprido no quintal  
    longo  
    rabo de peixe

arpão figando arrepios elétricos  
    no manuscrito roliço das coxas

nas costas a página completa de uma lição de inglês  
    escrita com tinta roxa  
    bispal sumo de amora

assinando o teu nome  
    primeira tatuagem de gilete  
    batizada de sangue

## III

primeiro eu dei um tapa na tua cara e depois abri as pernas  
e em leque  
[fechei-nós]

## IV

vazada  
a cerca era de bambu amarrada no feitiço do arame  
rústica dureza empinada do teu pau ali me olhando  
chorando

ao som da minha língua a tua dava  
    amostras  
    de pérola mudez

teu corpo lanhado passando por debaixo das grades de  
madeira  
sujo de terra

eu te deitava numa cama preparada de folhas secas e  
jabuticabas  
só pra ouvi-las estourar  
com o peso  
de uma fome criança  
    insaciável



eu,  
de brincar

e mamangavas mordiscavam  
a flor de maracujá

## IX

quando as roupas secas amanheceram coladas ao corpo  
descobrimos:  
os quintais  
se apequenam quando

anoitece

X  
um  
dia

anoiteceu

expressionista